



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 20 de Agosto de 1994 • Ano LI - N.º 1316 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

COOPERAÇÃO

O Evangelho é o Livro da Vida

As notícias de Padre José Maria e de Padre Telmo neste número do jornal mais as que a grande imprensa hoje traz, sugerem-me esta insistência.

Pai Américo disse — e agiu conforme — que «nas obras sociais erguidas a partir do Evangelho, o dinheiro é a última coisa a procurar».

O Evangelho, porque é o Livro da Vida, é também fundamento firme para a vida neste mundo. Decerto o maior valor da Obra da Rua (e a confiança e o encanto que desperta) estará na demonstração de que é assim, não apenas num campo místico, mas também no plano da incarnaçao das obras de que este espírito

é a alma. Se alguma vez se tivesse pensado primeiro nos bens indispensáveis aos projectos que se têm realizado, nunca teríamos dado um passo no caminho da sua realização. «O que é necessário àquele Rapaz, àquele Pobre que nos procura, trá-lo ele na sua autêntica necessidade». Não se trata — repito — de um mero conceito espiritual de Pai Américo, mas de um verdadeiro princípio de acção fundado na imanência da Justiça divina. Porque o Evangelho é o Livro da Vida, é também manancial de sã filosofia para a fecundidade da vida.

Por isso, olhando o mundo imenso dos homens (de povos inteiros) em carências escandalosas que, justamente, inquietam muitos, nos assusta o dinheiro posto à frente, sobretudo se se trata de muito dinheiro, porque tal conduz a estruturas de gestão pesada e

suscita interesses que nem sempre são desinteressados.

O voltar a si de um homem prostrado passa por outro homem que está ao lado e lhe estende a mão para o pôr de pé ou o levanta em seus braços para o levar donde possa recuperar-se. É o itinerário do Bom Samaritano. É a estratégia salvífica de Deus que não age Lá da Sua morada eterna, mas nos mandou Seu filho feito Homem para que o homem decaído possa voltar a si — ao homem que foi antes da queda.

A grande prioridade de todo o projecto que visa o re-erguer de um povo é, pois, o homem — o homem que o motiva e o homem que vai ao seu encontro, com papéis diferentes, sim, mas ambos necessariamente sujeitos de

Continua na página 2



Proporcionando uma alma sã em corpo sã — ai temos os nossos rapazes na bela praia de Azurara (Vila do Conde).

Falta de notícias

Afalta de notícias desta Casa pode ser tomada pelos nossos Amigos como cansaço na caminhada. De facto coisas há. Cansado de esperar pela empresa que deve abrir o poço artesiano para abastecimento da água às obras futura Aldeia; pela que fará a rede eléctrica chegar ao local das oficinas e fábrica de blocos, para que estas arranquem. O mesmo pelo ferro e ferramentas encoroadados. Tudo pago, prometido há meses, para estar a funcionar há muito e nem se pode saber ainda quando. Não que fique em casa, à espera. Ainda se houvesse telefone, poderia. Mas a sinal é pôr-me ao caminho, todos os dias, parando aqui e ali, correndo a cidade. Às vezes sem nada conseguir. Outras, gastando o dia inteiro. E temos um motociclista. E até um camião grande que o Entrepôsto nos ofereceu. Mil graças. Mas se às vezes vem carregado, outras perde-se no caminho e chega sem nada.

Carga pesada

Trago, nos ombros, uma carga pesada pela inércia de estruturas que não funcionam; por burocracias que, antes de pegar na caneta, estendem a mão para pedir gorgeta e mesmo assim parece que têm Moçambique

MOÇAMBIQUE

inteiro às costas. Este mal tem servido para mostrar aos nossos rapazes como é necessário que as pessoas mudem; como tem de ser com seriedade, a recta prestação de serviços. Que só com uma vontade forte e esforço diário, já hoje, eles preparam uma vida melhor e o Moçambique de amanhã.

A nossa Aldeia

O tempo que decorreu, desde a última crónica, deu para mudar o panorama da serra onde vai ficar a Aldeia. A parte de habitação dos mais pequeninos, serviços de saúde e roupa começou, esta semana, a levantar-se dos alicerces que foram difíceis e dispendiosos. Foi preciso recorrer a um camião basculante e uma pá carregadora para os encher ao nível geral. Mas ficou-nos um aproveitamento na cave para armazéns, de

quase cento e trinta metros quadrados. E um outro de trinta, para sanitários. No bloco do refeitório e cozinha, muito mais, podendo as câmaras frigoríficas e um armazém ficarem instalados na cave. Mas aqui, muito temos ainda pela frente, até ver as paredes a subir. Para já, parece uma fortaleza em betão.

Tudo isto com a competência e dinamismo do nosso Quim, que veio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa expressamente. Ele está o dia todo com o pessoal das obras. Aqui mede, ali ensina, pr'acolá berra, grita por massa, vai aos armadores de ferro, que por serem dos nossos rapazes, armam a sua brincadeira volta e meia — acima e abaixo, numa distância de cinquenta metros com dez de desnível. A entrada e saída do pessoal é frequente. Ou apresentaram-se ao serviço como pedreiros e não sabem; ou não querem servir porque não estão habituados. Emprego

sim, trabalho não. Volta e meia o Tribunal chama por nós. Até dois que se apresentaram como mestres. Qual nada! Nem pedreiros capazes, ao menos!

O mal de uns é incentivo para a formação dos outros

E o Quim tem de ir embora, a meio de Agosto. Padre Carlos precisa dele na oficina da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. O pessoal vai perder o ritmo e eu a paciência. Aliviou-me o Quim estes meses. Se ao menos fosse notória em alguns, não digo a qualidade, ao menos a boa vontade...! Essa vai sobrando em nós, que, aqui, com quase tantos operários como rapazes, correríamos o perigo de aligeirar a carga destes por causa dos outros. Mas não; eles são a nossa família mais chegada. O mal de uns é incentivo para a formação dos outros. Às vezes gememos com a carga. Mas se o Senhor caiu e só depois veio o Cireneu...!

Passou aqui o senhor Cardeal com três Irmãs. Comeu connosco do que todos estávamos já a comer. Viu e ouviu. Mas a cruz não o tocou.

Padre José Maria

Conferência de Paço de Sousa

CASAS — Continuamos a reparar algumas delas, Património dos Pobres, melhorando-as na medida do possível.

Um ou outro, cuja situação económica evoluiu, tomam à sua conta pequenos arranjos com o nosso apoio. É bom que assim seja. Por mera justiça — e promoção social.

O tesoureiro da Conferência leva-nos, agora, até uma família já sem hipóteses de separar os filhos — que vão crescendo... Procedem a um pequenino aumento da habitação sem alterar a estrutura arquitectónica do edifício. Resolvem o problema por suas mãos e mãos de vizinhos e amigos — Autoconstrução.

Damos graças a Deus! Este caso é um estímulo, dentro da filosofia da acção cristã do servo dos Pobres: dar a cana para eles pescarem. Dar a mão para crescerem. Em todo o sentido: no seu amor à casa, à família, aos filhos — o bem-estar material e espiritual do casal.

Também nos aflige, e muito, o problema do saneamento — imperioso nestas bandas... Esperamos que uma moradia em reparação fique pronta, habitável, para se acorrer a um bloco, com três delas, que precisa duma pequenina etar.

Ontem, como hoje, a Habitação continua o problema número um do País! Daí, quantas vezes lembramos visitas aos Pobres na companhia de Pai Américo! Memórias que servem de guia como fermento na massa. Ouçamos:

«Todos quantos visitámos estavam de cama. Ao entrar, eu recomendava ao rapaz que fechasse os olhos para ver... Ele não compreendia, mas depois sim. É preciso entrar, fazer pausa, fechar os olhos por um tempo e vislumbrar, depois de os abrir. No patamar de cada porta, à saída dizia-me: 'Veja como estas habitações são próprias da doença!' Isto é uma ironia dolorosa.

No final das nossas visitas, rua acima, o rapaz desenvolve: 'Mas, afinal de contas, a doença é transmitida pela própria casa aonde o doente mora!'

(...) Isto é uma observação cheia de verdade. O bacilo instala-se. É o senhorio. Venha quem vier, ele está. Os habitantes não o conhecem; não se defendem nem têm meios de o fazer. As vítimas sucedem-se; na cama aonde hoje um ficou, vejo amanhã um outro para também ficar... As coisas passam-se nesta trágica e majestosa simplicidade, enquanto se procedem a sérios estudos de como se há-de debelar o mal maior de Portugal. Eu cá sei como é, mesmo sem estudar: Casas. Casas. Casas.

Um dos nossos visitados daquela tarde foi um caldeirão. Homem que martelava o cobre e hoje não. Recebeu subsídios por nove meses, dos regulamentos sociais; tanto tempo, quanto andou no seio da sua mãe. Agora não. Acolá chegou; aqui faltou.

Ao pé do doente gravitam filhos. A mãe faz milagres para governar a casa...

Despedimo-nos. Ele seguiu para a sua vida e eu fui para outros bairros pobres, que é a minha. Ia triste pelo que vira e ouvira. Gostaria que a sociedade oferecesse melhor defesa aos seus membros. Mas eu espero. Eu tenho confiança. Eu

Pelas CASAS DO GAIATO

não desejo supor nem posso acreditar que um dos meus filhos, que tanto acarinho, venha a encontrar no futuro a Madrasta. Não devo acreditar.» (PAI AMÉRICO — livro Barreto)

PARTILHA — Pela mão da assinante 20856, de Espinho, «um cheque de 10.000\$00 para as necessidades da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. É a minha pequena dádiva referente ao primeiro semestre de 1994» — acentua, com amizade. Curiosamente, lançámos as primeiras edições d'O GAIATO em Espinho, já lá vão mais de cinquenta anos, com entusiasmo e muita receptividade dos espienhenses.

Legenda de topo em carta da assinante 31254, de Fiães: «Bom dia! Vive na paz. Deixa a cada dia a sua preocupação». Exacto: «Vivemos na paz. Deixemos a cada dia a sua preocupação». Para além doutras intenções, esta correspondente deixa dez contos para os nossos Pobres: «Como recebi dinheiro do IRS, acho-me na obrigação de distribuir — pelo menos a maior parte — conforme entender. Ofereço-o por alma de meus queridos Pais. Agradeço o anonimato».

Assinante 113 — leitora da primeira hora: «Mais um aniversário. Desta vez são oitenta anos com bastante saúde, pelo que dou muitas graças a Deus. Peço que também as deis comigo» — mãos postas ao Alto — «e aceiteis com essa intenção o meu donativo, o possível neste momento em que tenho grandes despesas com a mudança de casa». Parabéns.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FÉRIAS — Elas são merecidas. Quando o são...

Há dias, o nosso Padre Carlos falou de férias merecidas, no fim da oração da tarde, a propósito da praia.

Durante o ano, cada rapaz tem uma obrigação e, no fim, dará contas daquilo que fez. Também acontece com os estudantes. E na altura em que são organizados os turnos, o senhor Padre faz uma apreciação do aproveitamento global de cada rapaz. É a pedagogia de Pai Américo... — «fazer de cada rapaz um homem».

Começa nas escolas, acabando nos diversos trabalhos, sem escapar os fugitivos que se ausentaram durante o ano.

Depois disso..., a tristeza que fica!

ACIDENTES — Em nossa Casa, quase todos os dias há um. Grave, uns, outros não.

Os nossos miúdos adoram brincar: no parque, a jogar a bola, e mais brincadeiras. Por

vezes, no meio de cada uma delas, há sempre quem se distraia e não dê conta do que está a fazer...

Ontem, fui com os Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa levar o Fabiano ao Hospital de Penafiel: brincava no escorregão do parque e, de repente, caiu e bateu com a cabeça no chão. Um golpe fundo. Muito sangue... Coisas de crianças. Mas, já está curado.

MALDADE — Mas, porque a maldade? São muitas e muitas que se fazem no dia-a-dia!

Hoje, de manhã, o nosso cozinheiro estava muito chateado porque um espertinho brincou com o sal da cozinha! A brincadeira deu em problema grave: sal na cevada. Mas porquê?!

O nosso Padre Júlio e o cozinheiro tentam descobrir o grande brincalhão.

Repórter X

Convívio dos Antigos Gaiatos de Malanje

ENCONTRO ANUAL — Ao termos a noção das dificuldades que os nossos irmãos de Angola atravessam, não são os nove mil quilómetros de distância que nos separam e isolam da tão querida Casa do Gaiato de Malanje.

Quando crianças só desejavam brincar em paz, com paz. Que pensará uma criança nascida ao som de morteiros, de massacres; fugindo da morte, vivendo no meio da guerra e nunca sentindo um afago familiar?!

O nosso Padre Telmo, nos dias 27 e 28 de Agosto, comunicará aos nossos irmãos, reunidos no Lar de Coimbra, que peçam a Deus uma ajuda aos homens de boa vontade para acabarem com a guerra e a

nossa Aldeia volte a ter a alegria de outrora e os meninos de Angola brinquem em paz.

O ponto de encontro é junto ao «Portugal dos Pequeninos», de Coimbra (mesmo local do ano passado), pelas dez horas de 27 de Agosto. Após o almoço, na presença de um sacerdote da Obra da Rua, deslocar-nos-emos para o Lar de Coimbra. O programa de domingo ainda não está definido, mas temos a certeza que haverá uma boa churrascada ou sardinhas.

Os nossos encontros não têm inscrições. Todos os que apareçam são recebidos com muita alegria e amor fraternal. Não te esqueças do famel para o primeiro almoço...

Um abraço do vosso irmão,
Manuel Fernandes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Amigos leitores. Mais uma necessidade que já ajudamos há bastante tempo. É muito idosa e tem uma pequenina reforma, da qual ainda reparte com o filho, casado e com uma filha de cinco anos. São ainda jovens e não fazem nada pela vida. Temos tendido a encorajá-los para que trabalhem, fazer-lhes ver que não devem estar atídos aos poucos recursos da mãe. Temos muita pena desta senhora que tem tido tantos problemas de saúde e não só, e ainda reparte com o filho o pouco que tem.

A nossa Conferência tem batalhado para que eles resolvam a vida o melhor possível, mas com pouco resultado pois, quando lá chegamos, muitas vezes doze horas e mais, e ainda estão na cama. Pedimos a Deus que nos dê inspiração para ajudarmos todos os que precisam de nós.

O vicentino identifica-se com Cristo para encontrar várias formas de ajudar os

dões. O mundo estaria muito melhor se soubéssemos ajudar o próximo a praticar o bem, que todos afinal aspiram a realizar. Se soubéssemos dizer a tempo uns aos outros as palavras que fortificam e nos tornam melhores.

A arte de praticar o bem é uma forma de Caridade cristã, está ao alcance de todos, basta abrir os olhos, pôr os ouvidos à escuta, ter um pouco de coração. Bem hajam todos os que nos ouvem e ajudam nesta nossa tarefa.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — De uma anónima 10.000\$00. Outro anónimo 5000\$00.

«Por alma de meus pais que sofreram bastante com a vida difícil» — assinante 9708, 15.000\$00; para os estudos da Suzi: 30.000\$00. J. R. D., 2000\$00. Assinante 20517, 4000\$00.

Que Deus lhes pague a todos. Muito obrigado.

Maria Germana e Augusto

COOPERAÇÃO

Continuação da página 1

uma acção concertada para que possa falar-se em cooperação. Aqui não valem teledinamismos. É lá, onde está o homem caído, que tem de agir o cooperador para que resulte a cooperação.

Meios serão precisos e é bom que se mobilizem, mesmo à distância. Mas não havendo no campo quem os utilize rectamente, com estabilidade e dedicação, será irrisória a rendibilidade das acções, tão pouco elas atingem o homem e o ajudam a erguer. Desta dramática constatação vim cheio e ferido de quanto vi e ouvi em Moçambique e Angola.

Vêde a aflição de Padre José Maria quanto à construção da Casa do Gaiato de Maputo. Os meios vão-lhe chegando. De quadros não precisa. Se dispusesse de um encarregado de obras e mais dois ajudantes, competentes e interessados não só no ganhar a vida na execução de uma obra como em dar a mão a outros para que possam aprender a ganhá-la e a servir — se assim fosse, a edificação da nossa Aldeia seria bem mais leve e os três ou quatro anos que poderá demorar, proporcionaria uma escola viva, profissional e de hábitos de trabalho, para que aqueles operários (tanto quanto os rapazes e agora tão rapazes como eles no que respeita ao trabalho) crescessem como trabalhadores, válidos para o ganho merecido do seu pão e para a construção de um Moçambique melhor. «Dois coelhos mortos com uma cajadada», com tanta simplicidade e proveito!

Onde achar esta pequenina e eficaz equipa?

Qual a Cooperação que assuma o seu encargo?

Vêde, agora, a queixa de Padre Telmo: «Onde estão os Portugueses...?» E somos nós, como ninguém, os parceiros mais capazes, e os mais desejados, em qualquer forma de cooperação! E somos nós os primeiros na linha do dever e da reparação!

Também a nível da Igreja a representação vai diminuindo: «Mesmo sacerdotes já somos tão poucos...» lamenta Padre Telmo.

Religiosas, um pouco mais. Ainda assim, não posso esquecer dois grupos delas cujo carisma seria tão preservável junto daqueles povos! Elas que estão habituadas a arregaçar as mangas e a trabalhar ao rês do povo, de mãos dadas com ele! Compreendo as suas dificuldades. E sei que Deus as abençoaria.

Que, ao menos, a Igreja responda quanto possa, pondo o acento nas pessoas cuja presença e disponibilidade irão atrair os dons que hão-de sustentar a marcha da sua acção.

Quem dera que os homens todos inspirassem do Evangelho os seus projectos e buscassem n'Ele a fonte do dinamismo necessário!

Que, ao menos, a Igreja responda quanto possa, evangélicamente.

Padre Carlos



Maputo: Foi Comunhão. Depois, festa.

Malanje dia-a-dia

12/7/94

Os tiroteios e os roubos na zona da nossa Aldeia obrigaram-nos a trazer para a cidade tudo, incluindo portas e janelas.

Outra vez uma Aldeia fantasma e, portanto, o retorno a zero.

Não perdemos a nossa tranquilidade. Solidários com o Povo que sofre igualmente, e mais! — quando perde todos os seus bens.

Esperamos a paz como a terra sequiosa e gretada espera a chuva do céu.

16/7/94

Celebrámos a festa do nosso Pai Américo com

muita simplicidade: Missa às 10 horas, projecções à noite e almoço melhorado com um porquinho que conseguimos esconder e bolos. Chegou, sem sobras, pois somos cem à mesa. É mais fácil festejar na carência... Aprecia-se e sabe tão bem um pequeno mimo!

18/7/94

Outra vez a fome. Magotes de pessoas que esperam o dia inteiro nos lugares onde há uma certa esperança de comida.

Os bombardeamentos cessaram. Porém, como dois aviões foram atingidos com tiros de espingarda, suspenderam, de novo, os voos.

Indiferente e fria, a máquina da guerra vai mastigando tudo — corpos e almas.

Quem responderá nos bancos da justiça?

Quantos réus?

Que culpa cabe a cada um de nós?

Os que foram privados clamam das profundezas das matas ou da terra... Deus ouve o seu clamor.

19/7/94

Onde estão os Portugueses...? — eu me interrogo quotidianamente.

Quando entro no Hospital e vejo somente médicos doutros países; quando, em contacto com organizações

humanitárias, crio amizades com irlandeses, peruanos, brasileiros e holandeses. Tenho entrado em embaixadas de alguns países: O acolhimento e a gentileza! Numa delas, uma exposição de quadros a mostrar a Pátria; noutra, uma ideia do avanço tecnológico.

Acontece-me ter de esperar em salas de espera. Nas mesinhas-centro, já tenho folheado revistas russas, francesas e espanholas. Fico triste...

Mesmo sacerdotes já somos tão poucos...

Há dias assisti ao carinho com que a Embaixada Belga tratou um seu cidadão aqui residente.

Embaixada é levar e representar uma Pátria. Pátria não é ouro, petróleo e comércio, mas um sentimento mais nobre e mais sublime com alicerces no amor e na alma dum Povo.

Padre Telmo

DOUTRINA



Devemos dar a nossa vida pelos nossos Irmãos

DIZIA eu, na derradeira..., que ia ser inaugurado um Posto de Ensino na Casa do Gaiato e hoje digo-te que já está criado, com regente nomeada. A palavra *amanhã* faz a delícia dos preguiçosos e é o estorvo de quem procura trabalhar. Deixo aqui uma palavra de gratidão infinita: primeiramente para os homens bons do Ministério da Educação Nacional que atenderam e criaram uma obra justa com uma penada amiga. Em segundo lugar vem aquela pressurosa e desconhecida Maria, que imediatamente na volta do correio me disse o lugar onde se encontra o material didático e a forma de o obter; se desta feita o não procuro, nem por isso é menor a gratidão que lhe devo. E vem finalmente um certo «*alguém*» que oferece uma carteira escolar, uma caixa de giz e um quadro preto. Mandei fazer mobílias adequadas e necessárias à Escola. O fabricante delas é o mestre Jacob, Avenida Sá da Bandeira, número sete, o qual se encontra na loja, de certeza, das cinco em diante, ou das dezasseis, se tu lês pela cartilha nova. É um homem baixo, gordo, um nadinha surdo; mas se lhe falares ao ouvido e disseres que vais abater algo à minha conta, ele ouve e atende, recebendo das tuas mãos alegres e felizes o que as minhas, igualmente alegres e felizes, lhe haviam de dar. Também comprei na Coimbra Editora uma data de material escolar, carteiras inclusivé. Ali fica-te mais à mão; nem sequer levantas o pé ao entrar na casa, que o pavimento é ao nível da rua. É não há ali ninguém surdo.

TU hás-de perdoar a impertinência de vir todas as semanas à tua porta, com novas e variadas cantilena; e se não tens ouvido nem gosto pela música, olha com amor para aqueles por amor de quem eu canto e não me deixes ir sem esmola. Não é para fazer estílo, nem para encher papel nem para conquistar nomeada; é o zelo da causa do Pobre que me faz cantar assim.

TODOS os casos que aqui se apresentam e pedidos que se fazem, são verdades nuas e cruas fundadas na necessidade real dos nossos Irmãos. Não posso trazer para as colunas deste jornal o corpo laceado e espoliado dos para quem peço, como fez outrora o bom Samaritano do Evangelho ao Pobre que topou na estrada e entregou na estalagem; mas, sim, trago no peito as feridas dos que sofrem e o sangue delas é a tinta com que as narro. Por isso te comoves tanto e gostas de me ajudar.

EU quero fazer tudo quanto me for possível a bem do garoto da rua, desconhecido e abandonado. A par do caldo bem feito, educação bem dada. As crianças de idade escolar recebem tudo como o lacre recebe a forma do sinete.

AS famílias de onde procedem os pequeninos habitantes da Casa do Gaiato, não sabem nem podem educar. A miséria é má companhia, incapaz de orientar. É triste, desanimada, aconselha mal. Enfraquece as qualidades da alma, quebra as forças da vontade, abre as portas da prisão. Quem há-de fazer algo de bem a favor delas, senão nós? Eu vou à frente; lanço-me na fogueira e de lá berro por ti. Tem sido sempre assim e ainda não queimei as asas, que tu acodes a tempo.

DE há três anos a esta data que eu vivo angustiado por não saber quem é o «um tripeiro» e ele regalado por me torturar! Tenho mirado e remirado as cartas e não descubro nada. Agora mesmo chegou mais uma com cem escudos «para o Crucifixo da Escola». Mas eu já tenho.

B. Amoroso!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

vos enviar para que lhe deem o melhor destino.

Com o pedido de uma oração pela saúde dos meus familiares — que também não tem sido a ideal — e pela dos meus doentinhos e para que Deus me ajude a

ter sempre muita fé, muita coragem e também saúde para poder de todos cuidar como Ele quer, despeço-me muito grata pela vossa atenção.

Assinante 17007

Carta

«Normalmente, pelo Natal, custumo cumprir as minhas obrigações em relação ao pagamento do «Famoso» e à Editorial. Mas, este último, falhei e estou em falta, pelo que pedindo as vossas desculpas vou fazê-lo agora através dum cheque. Vai mais algum para arredondar contas, como de costume. Vão também mais 10.000\$00 que fui juntando das migalhinhas que os doentes do Hospital onde trabalho insistem em que aceite e que eu acho que não devia aceitar; mas não quero desgostá-los e, assim, recebo mesmo, sabendo que não deviam dá-lo porque o trabalho já é pago e o carinho ou desvelo que com eles possa ter ou não, só Deus pode contabilizar e fá-lo — tenho a certeza. Por isso, vou juntando sempre que me lembro, já com a intenção de

Tribuna de Coimbra

O aparecimento de familiares

O fim do ano lectivo, para a maioria deles feito com êxito; a chegada do verão com o seu natural encanto; o desejo de ensaiar novas experiências que brota natural da alma de cada rapaz na fase complexiva da adolescência em que quase todos se encontram; a apetência pela liberdade de ser e agir que irrompe na sua alma — explicam algumas fugas que sempre acontecem entre nós por esta altura.

Se a estas razões, de natureza psicológica, acrescentamos outras de ordem afectiva, tais como o aparecimento de familiares de graus diversos, há muito ausentes — percebemos ainda melhor.

E, aqui, a tentativa em contrariar é quase nula e redundante em fracasso. Os argumentos falham; os melhores, directos ao mais inteligente, não surtem efeito. A família tem sempre razão, mesmo que as suas propostas condicionem a liberdade e à partida não se vislumbre horizonte claro. É o coração que sente e sofre.

Gosto de ouvir dizer que o nosso Abílio, antes, aconselha alguns deste modo: «*Olha que a sineta lá fora toca a hora nenhuma...*». É um modo gracioso e ao

mesmo tempo realista de se referir ao nosso estilo de vida onde cada coisa tem a sua hora e lugar, como experiência inequivoca de uma verdadeira educação para a liberdade.

Viu no filho que não criou, um homem para trabalhar

A mãe de um deles soube do seu êxito no exame da 4.ª classe, agora, aos dezassete anos na *extensão educativa*. Veio por ele: Viu no filho que não criou, um homem para trabalhar. Ela sabe que na Casa do Gaiato, os rapazes — e o seu também — são desde pequeninos educados, com amor, dedicação e senso, nas virtudes que dimanam do trabalho humano. Inteirada neste saber que não engana e, do qual o seu rapaz é testemunha, não precisou de mais «diplomas» nem «certificados» — levou-o. Nas encostas de uma cercania qualquer, dará ombros à madeira dura que entre nós o poderia ensinar a arte de a trabalhar com profissionalismo e dignidade.

Não resistiu às pressões familiares

Outros dois. Um com dezanove e outro com dezasseste. O primeiro sem ninguém que lhe valha nem força para pedir. O segundo terminou a 4.ª classe também. Tinha a promessa de trabalhar na nossa carpintaria, logo que mudasse as obrigações. Não resistiu às pressões familiares e arrastou consigo o de dezanove que, passado algum tempo, voltou arrependido. Inquirido sobre as razões do seu regresso, diante dos rapazes todos, disse da sua ligação à casa que considera família sua; que tinha sido enganado pelo seu companheiro; que a casa de que lhe falara estava longe de ser o «palácio» que imaginara, pois nem lá tivera lugar para dormir. Uma Assistente Social é que pediu para o virem cá trazer. Os rapazes concordaram em que ficasse connosco.

Finalmente, outro. Inteligente. Com capacidades de invejar. Há muito que pai e mãe o disputavam entre si. Ele jogava e disfrutava, obviamente... Tinha valor e era uma pormessa. Muitos dos meus recados imediatos eram executados por ele com destreza e precisão. Gozava da minha confiança, atenta. Foi-se num momento de sonho...

Passado algum tempo, o telefone. Era a mãe: Que lhe mandasse os documentos todos. Eu, que sim: «Para onde?» — perguntei. Para algures, «que a morada ainda não era certa» — respondeu atrapalhada...

Uma experiência permanente dé amor e dor

É tão difícil fazer perceber-lhes tantas coisas! Que quando fogem é um pouco de nós que vai com cada um... Que no fundo todos ficamos mais vazios e pobres... Que os anos em que nos passaram pelo coração e pelas mãos jamais poderão ser jogados fora sem um incômodo permanente de consciência... Que o nosso lar fica mais vazio já que cada um tem o seu lugar na família que somos...

Fica-nos a certeza de que não é em vão e que aquilo que em longos anos se foi semeando com amor e gratidão, há-de brotar em cada um deles quando o sonho se tornar realidade: A liberdade, compromisso assumido quotidianamente; e a família, uma experiência permanente de amor e dor.

Padre João

A FOME

Os meios de comunicação social têm-nos alertado para a fome do martirizado povo do Alentejo. Aos nossos olhos têm chegado imagens dolorosas. Mulheres idosas com cestos nas mãos. Mães aflitas com filhos ao colo. Homens apoiados às suas bengalas. Outros vergados pelos anos ou peso da vida agarrados às muletas. Crianças de muitas idades com sacos às costas. Todos à procura do pão para matar a fome.

Os desabafos daquela gente: «Tantos chefes de família já há muito desempregados. Tantas mães de família a lamentar a sua triste situação. Tantos salários em atraso porque os patrões, ou não podem pagar ou nem sequer já aparecem». É um drama angustiante.

Este quadro era de esperar. Tantos anos de seca. Tanta falta de organização. Tanto desperdício de muitos bens. Tantos maus conselheiros a incitar à destruição. Tantos preguiçosos a querer viver só à custa dos outros.

Já têm aparecido algumas esperanças. A Cáritas Nacional tem multiplicado esforços. Homens do Governo têm prometido procurar soluções. Autarcas de cada terra apareceram com planos. Muitos homens de boa vontade levantaram a voz.

O pão do Alentejo começa a ter esperança. Que a sua esperança não venha a desesperar. O remédio vem de todos. Menos língua e mais trabalho. Infelizmente que a fome não é somente no Alentejo. Tenho-a encontrado espalhada por muitos lugares. Tenho entrado em muitas casas de família numerosa onde, geralmente, só entra comida dos vizinhos. Tenho entrado em casas onde só há batatas para pôr na panela. Tenho entrado noutras onde só encontro pedaços de pão duro.

Tenho muito presentes as lágrimas daquela mãe de família numerosa que me apresentou naquela altura a conta da mercearia que já era de cento e cinquenta contos e o marido estava desempregado e agora me apresentou outra de duzentos e cinquenta e seis mil e o merceiro ameaçava-a com o tribunal.

Pareceu-me que o melhor remédio era pagar as duas contas. Foi o que fizemos. É o que parece melhor para algumas contas do Alentejo.

Recordo Jesus Cristo diante da multidão faminta. Pediu a colaboração dos Apóstolos que lhe entregaram cinco pães e dois peixes do cesto do rapazito. O Senhor abençoou e distribuiu. Todos comeram e ficaram saciados. Com os sobejos encheram doze cestos. O Senhor pede a colaboração dos homens.

Padre Horácio

PARA que conste, aqui se transcreve a deliberação da Câmara Municipal de Loures com data de 26 de Julho de 1994:

«Encontrando-se instalada no Concelho de Loures desde 1948, a sua obra altamente meritória e publicamente reconhecida, notabilizando-se pelos serviços relevantes prestados à comunidade, com grande dedicação e abnegação dos seus responsáveis — propõe-se a atribuição à Casa do Gaiato de Lisboa da Medalha Municipal de Paz e Solidariedade, de acordo com o artigo 6.º do Regulamento de Condecorações Municipais».

Lutando contra o meu feitio, aí fui, no dia 26 de Julho, à sessão solene promovida pela Câmara, receber a dita condecoração. O percurso do lugar em que me encontrava ao palco pareceu-me muito longo. Os degraus eram demasiados. Parecia que nunca mais passava o tempo para voltar ao meu poiso escondido no meio de toda a assistência.

Encontros em Lisboa

O coração e o pensamento fugiam noutras direcções para bem longe daquela sala, tendo alguma dificuldade em estar ali e saborear o que se passava.

O Senhor é o meu refúgio

Diz-nos o Salmista: «O Senhor é o meu refúgio». Foi para Ele que me dirigi e com Ele procurei falar. Agradeci o dom da Obra da Rua para a Igreja e para os homens. Lembrei-Lhe todas as pessoas que passaram por esta casa dando a sua vida, desde os Padres e Senhoras até aos empregados que ao longo dos anos aqui serviram. Uma prece muito especial por todos os rapazes que aqui foram acolhidos e que puderam lançar-se na vida com digni-

dade, integrando-se plenamente na sociedade. Também um grito de esperança por aqueles que, tendo tido oportunidade de se tornarem homens dignos, decidiram outros caminhos para as suas vidas, tornando-se feridas sempre abertas no nosso caminhar. No meu íntimo tentei rever todos os que actualmente aqui se encontram e constituem o centro das preocupações quotidianas. Estiveram presentes os Pobres dos nossos bairros de lata onde o sofrimento é grande e a esperança muitas vezes desesperada porque tardam as soluções para as suas carências. Olhámos os doentes mais abandonados pedindo mãos amigas que se lhes estendam. Dissemos a Deus que não parecia justo haver crianças abandonadas... Agradeci a Deus o dom

da vida e o ter-me conduzido a estas paragens para fazer o que faço. Estiveram presentes todos os nossos amigos vivos e também aqueles que partiram para a Casa do Pai. A Casa do Gaiato existe assim como uma espécie de coração da sociedade. Recolhe o que lhe dão e distribui por quem precisa. Nada faríamos sem a solidariedade de tantas pessoas anónimas que connosco sofrem as feridas dos que precisam.

Paz e Solidariedade

Gostei do nome da condecoração: «Paz e Solidariedade». Quando era miúdo pensava que a paz se construía com grandes exércitos. Fui aprendendo que ela se constrói com a justiça, a liberdade, a dignidade, a cultura, o trabalho, o desenvolvimento, o esforço constante da não violência, a atitude mais humana de dar as mãos e sermos solidários com os que estão ao nosso lado.

Gratos à Câmara Municipal de Loures por se ter lembrado da Casa do Gaiato de Lisboa. Que Deus seja louvado e os pobres mais amados e melhor servidos.

Padre Manuel Cristóvão

Património dos Pobres

Continuação da página 1

terão o seu lugar. Alguns dos currais onde têm vivido já desapareceram. O ambiente é só de terra suja.

Combinámos cimentar o largo em frente. Hão-de pedir aos Senhores da Câmara que mandem entulhar a lixeira. Os Vicentinos comprometeram-se a acompanhar aquela família para que o álcool e outras coisas negativas não a destruam mais.

Perto vivem cinco crianças em casa da avó. Todas muito limpinhas pelos cuidados e o amor da mãe. O pai abandonou a família. A Conferência Vicentina está a construir-lhes uma casinha. Há esperança.

Fomos levados a outra franja de miséria. Junto de pinhal, num areal, estão três barracas. A de cima é a mais abandonada. Para chegarmos junto dela tivemos de atravessar dois regos a escorrer restos de lixo mal cheirosos. Vivem nela os pais e vários filhos pequeninos. É uma só divisão. Lá dentro tudo amontoado. À porta o porco num pequenino

curral. O cheiro nauseabundo dominava.

Eis como vivem irmãos nossos.

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm. fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Poco de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Corr. 500788498 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1229